

## ***Marginalidade e exclusão: o caso do Satyricon de Petrónio\****

RENATA SENNA GARRAFFONI  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

### **RESUMO**

O presente artigo trata a importância de se discutir como a Literatura é fonte relevante para o estudo do mundo antigo. Considerando um estudo de caso, busco discutir como a renovada teoria social é imprescindível para discutir os bandidos descritos por Petrónio e como ajuda a repensar não só os marginalizados, mas também suas identidades fluidas e os conflitos sociais a que estão submetidos.

**Palavras-chave:** Império Romano; Marginais; Teoria Social.

### **ABSTRACT**

The paper discusses issues relating the use of literature for the historical study of the ancient world. As a case study, the paper focus on the bandits described in Petronius' *Satyricon* to discuss how social theoretical approaches are relevante to rethink Roman outsiders and to stress fluid identities and social conflict.

**Keywords:** Roman Empire; Outsiders; Social Theoretical Approaches.

## Introdução

**E**M OUTUBRO DE 1998 DEFENDI, na Unicamp, meu mestrado (Garraffoni, 2002). O trabalho, finalizado há dez anos, foi minha iniciação em um campo que tenho me dedicado ao longo de minha carreira acadêmica: o estudo da marginalidade e transgressão no mundo romano, mais especificamente durante o Império. Na ocasião, busquei estudar o roubo e suas representações nas sátiras de Petrônio e Apuleio, base para o desenvolvimento de meu doutorado, focado na importância da cultura material para entender o cotidiano dos gladiadores (Garraffoni, 2005). Nesse sentido, participar do dossiê *Marginalidade e Exclusão no Mundo Antigo e Medieval* me pareceu uma excelente oportunidade para retomar essas questões e repensar esse tema que me despertou para a possibilidade de entender o mundo romano não como uma sociedade homogênea e normativa, mas plural e cercada de conflitos e contradições.

Ao longo desses anos de estudo, acredito que dois aspectos foram fundamentais para o desenvolvimento dessa trajetória. Além da constante busca por aqueles que foram excluídos dos modelos interpretativos predominantes, o diálogo com outras disciplinas, como as Letras Clássicas e a Arqueologia, constituiu-se a base para tentar, de alguma maneira, construir interpretações distintas das tradicionais. Destacar isso é importante, pois um rápido balanço dos estudos sobre as camadas populares romanas indica uma situação particular acerca dessas pessoas: mesmo que haja uma tradição de estudá-las, nem sempre a historiografia foi favorável às camadas populares. Marcados pela idéia da ociosidade, violência e depravação, muitas vezes os estudos acerca dos romanos de origem humilde geraram imagens repletas de estereótipos, mas de pouca análise social. Assim, o desafio enfrentado ao longo desses anos de pesquisa foi o de tentar perceber outras possibilidades de se pensar o mundo antigo não só do ponto de vista da elite dominante, mas também daqueles que compunham a grande maioria do Império, isto é, populações anônimas que viveram na vastidão no qual se constituiu. Nesse sentido, o objetivo central dessa reflexão é retomar alguns aspectos do *Satyricon*, de Petrônio, e discutir como essa irreverente sátira pode ser uma fonte valiosa para explorarmos as ambiguidades da sociedade imperial, no início do Principado.

### **Definindo o problema**

MAS COMO SURTIU O INTERESSE por um tema não tão convencional? Acredito que há diferentes respostas para essa questão e elas foram se entrelaçando nas diferentes fases de pesquisa. Seguramente o início de tudo foi a leitura do *Satyricon* logo no primeiro semestre da graduação. O romance despertou profundamente meu interesse, pois os romanos ali representados eram muito mais diversificados do que eu poderia imaginar com a noção de Roma que trazia da escola. Por outro lado, contato com as teorias sobre estudo da sociedade, em especial a história social da cultura e o marxismo, indicaram possibilidades de leituras críticas do passado antigo com ênfase nos grupos excluídos, permitindo as primeiras abordagens teóricas sobre a marginalidade. As leituras de textos como os de Walter Benjamin, me ajudaram a pensar a Antiguidade não em um contexto de luta de classes, muito comum nos anos de 1960, mas na possibilidade de pensar a experiência da marginalidade.

Olgaria de Matos (1989), por exemplo, destaca que o estudo da experiência da marginalidade, tão marcante na obra de Benjamin, indica uma possibilidade de ver a História não como continuidade da dominação, mas como a inquietude que rompe com as normas. A ênfase do argumento da autora que a experiência de um tempo que não é nem homogêneo e nem vazio, marcou profundamente o início das pesquisas que fiz sobre o mundo romano, assim como as considerações de Jean-Claude Schmitt (2001). Em um ensaio escrito no final da década de 1970, afirmou que a idéia de se estudar marginais já estava presente entre os intelectuais do final do século XIX e início do XX e constituiu-se a partir de estudos literários, mas foi somente na década de 1960 estes estudos se multiplicaram. Schmitt referiu-se a este momento específico da historiografia como “tomada de consciência” ou de “tomada de palavra”, pois expressava uma particularidade que viria culminar com uma série de transformações na escrita da História: grupos que até então estavam excluídos como, por exemplo, negros, indígenas, mulheres e homossexuais, entre outros, começaram a denunciar as diversas formas de exploração e silenciamentos a que estavam submetidos em nome da manutenção de uma ordem social. Este momento captado por Schmitt, além de propor uma releitura de posturas canônicas, também significou uma busca por novos documentos. Segundo o historiador, os estudiosos da época questionavam-se como ouvir as vozes daqueles que foram calados pelo poder e a tentativa de responder a esta indagação gerou aquilo que Le Goff, anos mais tarde, chamaria de “explosão documental”. Assim, obras literárias, con-

tos, depoimentos, mitos, inventários, diários íntimos, a cultura material, enfim, uma infinidade de fontes passaram a ocupar um lugar de destaque, pois nada escapava ao olhar dos historiadores de diferentes correntes teóricas que buscavam as faces e as vozes destes personagens invisíveis na documentação oficial.

A idéia de estudar a experiência da marginalidade, por um lado, e a possibilidade de se fazer pesquisa a partir de textos literários, entre eles a sátira, por outro, foi, aos poucos, se constituindo na base para pensar um modelo interpretativo que, diferente dos normativos de inspiração weberiana, permitia o acesso às camadas menos favorecidas romanas como sujeitos de sua história. Essas duas idéias, atreladas à noção de que o historiador sempre olha o passado a partir de seu presente, foram fundamentais para a definição da problemática a ser pesquisada, afinal marginalidade, transgressão e violência social são temas que atravessam o cotidiano brasileiro há décadas. Assim, partindo da realidade brasileira, permeada por conflitos e desigualdades sociais e interessada em perceber como as camadas populares romanas viviam, o *Satyricon* de Petrônio, com suas irreverências e diversidade de personagens marginais, acabou por se tornar uma fonte de estudo muito rica para pensar as diferentes possibilidades de se viver na sociedade romana.

### **Por que a sátira como fonte para se pensar a marginalidade no mundo romano?**

A LITERATURA SEMPRE EXERCEU UM PAPEL IMPORTANTE na construção de imagens da exclusão, da criminalidade, da transgressão social ou da violência, produzindo sentidos e significados distintos em cada momento histórico, pois está permeada pela presença de personagens vinculados às margens da sociedade e que provocam reações diferentes nos leitores ao longo dos séculos. Basta pensar quantos não se emocionaram com bandidos românticos que fazem justiça com as próprias mãos, não se divertiram com os transgressores trapalhões ou odiaram as atitudes violentas dos vilões. Essas reações expressam um sentimento intrigante: o interesse que as pessoas, em geral, manifestam diante de histórias que contam as ações dos criminosos, sejam eles desconhecidos ou temidos por sua violência. Esta curiosidade e interesse em ler sobre o banditismo ou a transgressão social muitas vezes causam um impacto e nos levam a questionar nossas crenças e valores, bem como a maneira como o historiador olha o passado e constrói seus modelos interpretativos.

As sátiras, por exemplo, foram bastante empregadas pelos historiadores como meio de se estudar as camadas populares e os transgressores das normas. No caso dos estudos acerca do mundo antigo isso não foi diferente. Pesquisadores do começo do século XX como Carcopino (1990 – original dos anos de 1930), ou do final, como Robert (1994), entre inúmeros outros, se referem às sátiras romanas para discutir as camadas populares ou marginalizadas que viveram durante o Principado. No entanto, é preciso destacar que suas análises tomam esses textos como um reflexo direto da sociedade estudada, não considerando as particularidades lingüísticas e estilísticas das narrativas satíricas. Assim, há o desenvolvimento de uma percepção negativa dessa camada da sociedade, gerando uma idéia estereotipada, baseada nos exageros e nas figuras de linguagem características das sátiras, sem a preocupação de contextualizar as estratégias narrativas que os autores como Apuleio, Juvenal ou o próprio Petrônio empregavam em seus escritos.

Esta postura assumida por alguns historiadores do mundo romano acabou por gerar uma série de trabalhos que constituíram um discurso conservador, rapidamente incorporado pelo público em geral. Como era raro encontrar historiadores dispostos a discutir questões ligadas à população de origem humilde, os que ousaram, como fica claro nestes exemplos, aproximaram-se do cotidiano dos romanos com idéias e concepções previamente estabelecidas, criando interpretações que aos poucos cristalizaram uma imagem na qual toda população romana não passava de uma massa amorfa, sem vontade própria, fútil, movida pelos prazeres profanos, parasita do Estado que deveria, portanto, ser tratada a *pão e circo*.

O estudo das camadas populares, a busca pela diversidade de tipos de marginais e uma leitura alternativa das sátiras não é, em minha opinião, uma estratégia importante para rever essas percepções negativas arraigadas na academia e fora dela. Rever essa idéia que desqualifica a população de origem humilde romana e que mescla pobreza com violência indiscriminadamente tem sido parte importante de minhas pesquisas. Ao aprofundar meus estudos durante o doutorado, passei a perceber que a base dessa noção está intimamente relacionada com a herança de uma visão de mundo específica do século XIX, quando a noção de *pão e circo* foi cunhada como conceito para se entender os membros da população romana que estavam fora dos círculos de poder imperial. Partindo das *Sátiras* de Juvenal e sem considerar os exageros e a forte ênfase moral, Friedlander (1947 – primeira edição na década de 1880) escreveu que o povo romano, apático, preferia os espetáculos a trabalhar. Eivado

de uma perspectiva burguesa de uma Alemanha do século XIX que se formava e preocupado com as possíveis revoltas que o desemprego poderia acarretar, Friedlander apresenta uma leitura das *Sátiras* de Juvenal sob uma perspectiva de reflexo do real, marcando uma postura que se repetiria com frequência entre os historiadores por mais de um século.

Embora essa visão ainda siga viva nas interpretações de alguns historiadores, o desenvolvimento da historiografia ao longo do século XX, suas mudanças teórico-metodológicas possibilitou outras formas de se entender a relação História e Literatura, resultando em novas maneiras de se pensar as sátiras como fontes para o estudo do mundo antigo e sua importância para discutir a marginalidade sob diferentes ângulos. Assim, se por um lado as leituras marxistas tiveram um peso muito grande na escolha do tema a ser estudado, por outro, as críticas pós-modernas acabaram por se tornar ferramentas importantes para buscar caminhos alternativos para interpretar a marginalidade e exclusão nas sátiras romanas. A razão dessa escolha diz respeito ao fato de que essa perspectiva possibilita entender a sátira como um texto com características discursivas específicas, permeadas pelos interesses e visões de mundo daqueles que a criaram. A diversidade de personagens presente na sátira e o seu entendimento dentro de um campo discursivo específico permitem o estudo de diferentes visões acerca da transgressão e da marginalidade, uma vez que trazem novas opções para abordar os aspectos culturais, sociais, políticos e econômicos vigentes no mundo romano. Neste sentido, o conhecimento da Literatura Clássica, das estruturas das obras e os seus detalhes, pode revelar ao pesquisador preciosas informações sobre o cotidiano dos romanos.

A importância do diálogo entre a Literatura e a História para o estudo da Antiguidade Clássica foi desenvolvido por Funari ainda na década de 1990 (Funari, 1998). Ao defender a interdisciplinaridade para o estudo do mundo greco-romano, Funari argumenta que, em qualquer trabalho acerca da Antiguidade, é imprescindível o estudo da língua da sociedade em questão. Assim, ao estudar as sátiras romanas, em especial o *Satyricon*, o latim torna-se fundamental: uma análise do vocabulário presente nesta obra fornece elementos para que possamos compreender o contexto em que os termos eram utilizados. Mais do que isto, o estudo do linguajar presente nesta obra pode propiciar o contato com o *sermo humilis* proporcionando, portanto, a possibilidade de recuperar traços culturais da população mais pobre.

Considerando que por meio da análise filológica seja possível estudar o universo semântico com conteúdo sócio-cultural, acredito que um estudo cui-

dados do *Satyricon* de Petrónio pode fornecer outras leituras para compreendermos as imagens e representações da marginalidade recorrentes durante o Império. O *Satyricon*, embora tenha sido escrito por um membro da elite romana, apresenta elementos do cotidiano na época do apogeu do Império que não podem ser menosprezados pelo historiador. Assim, estando ciente de que a obra está repleta de exageros ou omissões e expressa os juízos de valor de seu autor, é possível uma análise do texto de Petrónio como discurso de seu tempo e, conseqüentemente, não pode ser considerada um relato neutro, tampouco ilustração ou reflexo imediato da sociedade.

Nesse sentido, ao estudar tal obra é preciso considerar um pressuposto importante, no qual a Literatura é constituída a partir de formas de linguagens e que, para compreendê-las, torna-se necessário que recorramos às alegorias, seus significantes e significados. Por meio do questionamento do texto e da análise das estruturas e vocabulário, é possível estabelecer um diálogo com a sátira e explicitar os sentidos que produz. Nesse sentido, analisar um texto como o *Satyricon* implica estar consciente de que os personagens são construções em um dado momento histórico e que, por meio do estudo das estruturas dos romances e da filologia dos termos, é possível identificar dentro do texto os diferentes tipos de marginalizados, sejam eles homens ou mulheres, suas ações e implicações. Este tipo de abordagem considera, portanto, a complexidade destas fontes e evita a criação de um modelo interpretativo único, prezando sempre pela interdisciplinariedade e as diferentes possibilidades de ação dos sujeitos. Além disso, preserva a diversidade, pois se reconhece a presença de diferentes imagens e representações dos marginalizados, significa que expressa a existência de conflitos no interior da sociedade romana.

### **O *Satyricon* de Petrónio**

COMO A GRANDE MAIORIA DOS TEXTOS antigos, o *Satyricon* e seu possível autor, Petrónio, estão, ambos, envolvidos em uma série de polêmicas e de dificuldades<sup>1</sup>. Assim, mesmo que de forma resumida, gostaria de comentar alguns aspectos acerca desses debates. A biografia de Petrónio, por exemplo, é bastante imprecisa e desde o período do Renascimento há uma grande dificuldade para se determinar quem foi este homem. A maioria dos pesquisadores – ainda que nem todos – considera que o autor do *Satyricon* é o Petrónio descrito por Tácito, em sua obra *Anais*.<sup>2</sup> Assim, a tradição considera que o nome completo do autor

seria Tito Petrônio Níger, cônsul romano durante o ano de 62 d.C. De acordo com esta descrição de Tácito, Petrônio seria um homem cínico e com alguns vícios; no entanto, se mostrou um excelente administrador quando governou a província da Bitínia. Sua capacidade de atuar e a influência que exercia na corte de Nero teriam gerado inveja em Tigelino, que o difamou, acusando-o de participar de uma conspiração contra o imperador. Como punição, Petrônio acabou sendo condenado ao suicídio em 66 d.C.

O título da obra também é bastante polêmico. Não se sabe ao certo o significado nem a origem do nome *Satyricon*. Dihle (1994) apresenta as duas mais aceitas alternativas para o termo: pode ter sido derivado de *satyrikos*, palavra de origem grega utilizada para mencionar pessoas que viviam do prazer sexual ou de *satura*, palavra latina empregada com o significado de sátira. A possibilidade de haver um duplo sentido no título já demonstrava aos leitores com que tipo de conteúdo iriam se deparar, isto é, uma narrativa repleta de personagens com comportamentos e atitudes lascivas e satíricas.

Outro problema diz respeito à composição do texto em si: a versão que chegou até nós é muito fragmentada. Sabe-se que o que restou são partes dos livros XIV-XVI e que o original seria bem maior. No que diz respeito à estrutura do texto é importante destacar que a sátira é narrada em primeira pessoa pelo personagem Encólpio. Ele e Gíton são aventureiros educados e pobres que viajam de um lado para outro, sem destino definido, perseguidos pela ira do deus Priapo. No decorrer das viagens, ambos contracenam com uma diversidade de personagens: Agammenon, Eumolpo, Licas, Ascilto, algumas bruxas, sacerdotisas do deus Priapo e vários libertos, desde os milionários até os mais pobres. A grande maioria das situações em que se envolvem é de natureza erótica, mas também encontramos histórias de naufrágios, roubos, bruxarias e orgias culinárias.

Segundo Walsh (1995), é possível detectarmos a presença de dois tipos de episódios no desenrolar dos acontecimentos; eles podem ser de origem interna ou externa. Os episódios internos ocorrem quando os acontecimentos centram-se na relação Encólpio/Gíton e o ciúme que nasce diante da presença de Ascilto e Eumolpo. Já os episódios externos são constituídos a partir da relação de Encólpio com os demais personagens. Este segundo tipo de ação permite a Petrônio deslocar a narrativa e introduzir os elementos de sua sátira, como no caso do jantar de Trimalcião.

Diante da diversidade de personagens mencionada, o tema da transgressão e marginalidade faz-se presente em diferentes momentos da obra. Embora não sejam o elemento central, encontra-se uma grande quantidade de relatos de

fenômenos considerados legalmente como violentos ou ilegítimos. Petrônio, ao narrar as peripécias de Encólpio e seus companheiros, descreve alguns assassinatos e uma série de roubos que incluem pequenos objetos (roupas, mantos e anéis) e corpos de pessoas já mortas para a prática de bruxaria. Além dos diversos tipos de roubos, outros tipos de transgressões também aparecem e estão ligadas à profanação de templos, à mentira, à farsa e à quebra da tradição ou da palavra empenhada, isto é, da *fides*. Paralelamente aos episódios que narram crimes ou pequenas infrações, Petrônio retrata com irreverência a deserção de soldados, as dificuldades da vida do infrator, a ação da autoridade, o medo das ambigüidades das leis, os divertimentos dos delinqüentes, a pobreza em que viviam, os lugares que preferiam atacar (casa dos ricos e banhos públicos) e as punições a que estavam sujeitos, como a tortura, crucificação, arena ou morte.

Para essa ocasião, acredito que um breve estudo de caso sobre os bandidos presentes na obra seria interessante por dois aspectos: primeiro por que os bandidos da obra estão, em geral, relacionados às camadas populares e, em segundo, acredito que esse recorte seja instigante na medida em que permite uma abordagem de como Petrônio constrói a alteridade, pois é um membro da elite comentando sobre transgressões das camadas populares. Nesse sentido, focar algumas narrativas nas quais o roubo está presente é interessante para percebermos as representações das camadas populares na obra de maneira mais diversificada.

### **O roubo no *Satyricon*: breves considerações**

NO QUE DIZ RESPEITO AOS TERMOS latinos empregados para designar aqueles que cometem o roubo na obra, há uma relativa variedade. Há termos de origem militar, como por exemplo, *commilito*, *-onis* (companheiro de armas) ou *hostis*, *-tis* (inimigo), mas não são tão enfatizados como em outras obras como as *Metamorfoses* de Apuleio, por exemplo. Entre as palavras empregadas por Petrônio para designar os ladrões, encontramos termos como *mendax*, *-acis* (mentiroso), *grassator*, *-oris* (vagabundo, desordeiro, ladrão de estrada), ou seja, palavras que expressam uma vida sem destino ou regras e capacidade de enganar e mentir do personagem. No entanto, dentre os diversos termos que estão presentes nas narrativas, sem dúvida alguma o que mais se repete é *latro*, *-onis*.<sup>3</sup> Esta palavra, que deu origem ao termo “ladrão” em português, aparece em uma série de situações e pode assumir diferentes significados: às vezes é empregada com o intuito de ofender alguém, como na cena cômica em que Gíton

acusa Ascilto de ser um ladrão cruel para comover Encólpio, mas o sentido mais comum é para designar um ladrão, seja ele violento ou não.

O fato de nos depararmos com diferentes termos para designar ações de ladrões é muito intrigante e nos leva a refletir sobre a maneira como Petrônio constrói sua narrativa e como apresenta o mundo destes transgressores, pois os protagonistas (Encólpio, Ascilto, Gíton ou Eumolpo) são descritos como homens de origem humilde que, embora sejam conhecedores das letras, astuciosamente enganam as pessoas para conseguirem realizar pequenos furtos e sobreviverem. Além disso, como a história possui um narrador em primeira pessoa, o personagem Encólpio, Petrônio cria uma estratégia na qual todos os acontecimentos chegam ao leitor a partir do olhar de Encólpio. Os dois trechos destacados a seguir são exemplos da diversidade de situações que está presente na narrativa de Petrônio e acredito que sua seleção e análise pode indicar meios alternativos para entendermos a complexidade das representações criadas pelo autor.

Gostaria de iniciar pelo episódio do mercado. Depois de ter roubado um manto, os protagonistas resolveram ir até este local público na esperança de vendê-lo por um bom preço. A venda do manto é descrita por Petrônio de uma maneira interessante, pois embora a cena tenha um desfecho hilário, acaba registrando alguns aspectos da atuação da autoridade e revela as aflições de Ascilto diante da possibilidade de um eventual confronto com a justiça. No desenrolar do episódio nota-se que, enquanto aguardavam um comprador, um camponês se aproxima ao lado de uma garota. Encólpio parece reconhecê-lo, mas não avisa ao amigo. Ascilto, ao ver o camponês, percebe que ele está usando uma roupa que Encólpio perdera momentos antes. Apesar da roupa estar em farrapos, Ascilto fica feliz em tê-la encontrado novamente, pois em seu interior tinham costurado uma bolsinha repleta de moedas, produto de um roubo anterior. Surge, assim, um impasse, ou seja, como recuperar uma roupa velha sem um escândalo ou levantar suspeita? Para resolver o problema, Encólpio sugere que façam de maneira legal, deveriam ir a justiça contar a perda da roupa, sem mencionar o dinheiro, e pedir para o camponês devolvê-la. Assustado com a idéia Ascilto faz o seguinte comentário:

“Contra Ascyltos leges timebat et ‘Quis’ iebat ‘hoc loco nos novit, aut quis habebit dicentibus fidem? Mihi plane placet emere, quamvis nostrum sit, quod agnoscimus, et parvo aere recuperare potius thesaurum, quam in ambiguam litem descendere: (...)” - *Satyricon*, 14.

“Ao contrário, Ascilto temia as leis e disse ‘Quem neste lugar nos conhece ou teria fé em que dizemos? Eu, certamente gostaria de comprar, embora seja nosso, porque sabemos, é melhor nós recuperarmos nosso pouco tesouro do que cair nas ambigüidades de uma controvérsia: (...)’”

Neste trecho fica claro a importância da palavra, isto é, da *fides* em uma disputa judicial; o medo de Ascilto era de que, pelo fato de serem desconhecidos dentro da cidade, levassem desvantagens no momento do julgamento. Ao mencionar a expressão *in ambiguum litem*, traduzida como “nas ambigüidades de uma controvérsia”, o personagem se refere a um tipo específico de ação judicial: *lis, litis* é uma discussão jurídica na qual cada uma das partes apresenta suas testemunhas diante do juiz e, por meio de um debate, se decide a quem seria dada a razão. Assim, por estarem em uma situação de desvantagem em relação ao camponês que era da região, prefere uma outra solução para o problema; ao invés de recorrerem à justiça, acha mais seguro comprar a velha roupa.

Como estavam sem dinheiro para a compra, decidiram vender o manto por um preço bem mais baixo, somente o suficiente para recuperar a roupa que trazia escondido seu pequeno tesouro. Ofereceram sua mercadoria ao camponês, ele se aproximou junto com a mulher e esta, ao ver o manto, grita “ladrões”: por ironia o manto tinha sido roubado desta mulher. Ascilto, com medo de ser descoberto e causar um tumulto, propõe uma troca de roupas, justificando que aqueles velhos trapos que o rapaz usava eram seus. Houve um acordo entre as partes, mas mesmo assim chegaram alguns policiais para apreender o objeto de disputa, pois considerava-se todos ali como suspeitos de furto. O que Ascilto temia estava por acontecer.

Para evitar que o assunto se prolongasse, Ascilto pede que o camponês entregue as vestes velhas junto com o manto para ser disputado na justiça no dia seguinte. Indignado com a ousadia do rapaz, o camponês acaba atirando as velhas roupas no rosto de Ascilto. Este, junto com Encólpio, aproveita a chance, pega a velha túnica e corre para se refugiar no albergue em que estavam hospedados.

Este episódio, além de descrever alguns dos pequenos roubos e confusões que os protagonistas se envolvem, também menciona vários aspectos da condição social destes personagens: vivem com pouco dinheiro, usam roupas velhas, caminham pelos mercados para vender os objetos de seus furtos, conhecem e temem as ambigüidades da leis e se hospedam em albergues. Estes albergues, estalagens ou até mesmo prostíbulos que freqüentam são descritos com simpli-

cidade, não há a presença de nenhum tipo de luxo e quase sempre recebem um tratamento desfavorável do dono.

O interessante do discurso de Petrônio é que, ao mesmo tempo que os protagonistas são pobres e vivem do roubo, também se integram com facilidade em ambientes de pessoas mais ricas, pois conseguem convites para banquetes ou festas, que são, na maioria das vezes, fonte para conseguir alimentos. Assim, no banquete oferecido por Trimalcião, participam de todos os eventos, se fartam de bebida e comida, mas não roubam nada. Um outro banquete que participam é o oferecido por Quartila. Nesta festa, além de comerem e beberem, participam das homenagens ao deus Priapo. Como Encólpio havia interrompido um ritual secreto em louvor ao deus, ele e seus dois amigos são intimados a comparecerem ao evento, como forma de se desculparem da intromissão a cerimônia.

Além da presença do Priapo há um outro episódio que ocorre durante a celebração de Quartila que traz elementos interessantes para nossa análise: a tentativa de assalto cometida por dois sírios. Depois de se fartarem de comida e bebida, a maioria dos convidados estavam sonolentos e os sírios entram no local do jantar para roubar a prataria utilizada no banquete:

“(…) cum duo Syri **expilaturi** [lagoenam] triclinium intraverunt, dumque inter argentum avidius rixantur, diductam fregerunt lagoenam. Cecidit etiam mensa cum argento, et ancillae super torum marcenti excussum forte altius poculum caput fregit. **Ad quem ictum exclamavit illa pariterque et fures prodidit et partem ebriorum excitavit.** Syri illi qui venerant ad praedam, postquam deprehensos se intellexerunt, pariter secundum lectum condiderunt ut putares hoc convenisse, et stertere tanquam olim dormientes coeperunt.”- *Satyricon*, 22.

“(…) como dois sírios entraram na sala de jantar para roubar (o jarro), e enquanto disputavam avidamente a prata, dividiram o jarro e quebraram. A mesa caiu com a prata, e o copo voou forte e alto, quebrou na cabeça da serva que, exausta, estava no sofá. Ela gritou com a batida, e assim, com sua fúria tomou-se conhecimento do ocorrido e pôs de pé parte dos bêbados. Aqueles sírios que vieram para pilhar, depois que compreenderam que foram descobertos, caíram perto da cama imaginando convencer a todos, roncavam como se tivessem começado a dormir pouco tempo antes.”

Este trecho é construído de modo a enfatizar a esperteza dos ladrões, pois quando percebem que vão ser descobertos, fingem estar dormindo entre os bêbados, para se livrarem do flagrante. O próprio termo utilizado para descrever a tentativa de roubo, o verbo *expilo* que aparece na primeira linha e significa saquear secretamente, furtar, é de origem antiga, muito raro na língua escrita e, sem dúvida, expressa o cuidado do autor em empregar palavras que reforcem o sentido da astúcia na hora de cometer o assalto ou escapar de uma possível punição.

A partir destes dois episódios, a venda do manto no mercado e a tentativa de assalto dos sírios, é possível perceber como Petrónio representa o roubo nas páginas do *Satyricon*: o autor sempre descreve furtos de pequenos objetos e, constantemente, relaciona o assalto à astúcia. Assim, em nenhum momento há o emprego de violência explícita, pelo contrário, na maioria das vezes os personagens que cometem os furtos possuem algum tipo de conhecimento escolar e, ao invés de praticar ações virtuosas, sempre estão infringindo as regras da boa sociedade. É interessante ressaltar ainda que, ao mesmo tempo que Petrónio narra as transgressões destes personagens, descreve os diferentes mundos e costumes com os quais se relacionam.

Sob este ponto de vista, os principais transgressores da obra, Ascilto, Encólpio, Gíton e o poeta Eumolpo que aparece nas aventuras a bordo do navio de Licas e em Crotona, são descritos como homens que vivem em um ambiente humilde, sem destino ou regras e não como pessoas cruéis. A educação que possuem é a arma para cometer pequenos furtos ou elaborar os golpes que aplicam para sobreviver ou deixá-los em situação de vantagem. Todos convivem com pessoas de diferentes *status* social, inclusive as mais ricas, como por exemplo, os patronos que oferecem banquetes ou famílias que desejam contratar educadores para seus filhos. Assim, como precisam manter uma certa postura para freqüentar tais ambientes e conseguir algum benefício, não são construídos com hábitos bárbaros, mas com esperteza suficiente para agradar aquele que seria um potencial benfeitor, mesmo que seja para roubá-lo posteriormente.

A partir desta leitura é possível perceber que, mesmo que os roubos realizados por pessoas de origem humilde tenham sido escritos por um membro de uma elite dominante, a presença da diversidade é constante, contrariando, portanto, as interpretações normativas nas quais prevalece um modelo único e homogêneo de transgressores. Entre as sátiras, exageros e omissões notamos que o roubo não é descrito somente de uma maneira: os personagens possuem diferentes estratégias para realizá-los. Apesar de Petrónio elaborar os episódios mantendo-os sempre sob seu controle, pois nenhum consegue superar a

pobreza com suas artimanhas, constrói em sua obra um universo de situações em que os ladrões não são totalmente excluídos do convívio social; bandidos freqüentam os mais variados ambientes, desde os sofisticados até os mais simples e, mesmo que vivam em esconderijos fora das cidades, vendem suas mercadorias roubadas e se infiltram no meio da população para descobrir os tipos de investigações que estão sendo implantadas.

Destacar isso, em minha opinião, é fundamental, pois indica diferentes formas de ação e os perfis aqui descritos são muito diferentes dos que aparecem nas *Metamorfoses* de Apuleio, obra considerada a principal fonte para se estudar a transgressão social. Assim, a sátira de Petronio, quando analisada em seu contexto, possibilita pensar esse universo de maneira mais diversificada, pois não se restringe a mesclar violência com roubo, mas constrói cenas intrincadas que nos fazem pensar as ações desses criminosos e golpistas de maneira mais fluida e diluída na sociedade.

### **Considerações Finais**

O *SATYRICON* DE PETRÔNIO É UMA HISTÓRIA FICTÍCIA, destinada ao riso dos leitores. No entanto, muito nos apresenta sobre as identidades e conflitos sociais, no mundo romano, em particular, no âmbito social.

Ao realizar uma análise que dialoga com os estudos literários e considera os aspectos discursivos do texto, mais do que desenhar um reflexo imediato do real, é possível pensar a experiência da marginalidade em diferentes contextos. Nesse sentido, acredito que as novas leituras realizadas a partir de uma análise detida do vocabulário original proporciona reflexões importantes, sutilezas e complexidades que por muito tempo não foram consideradas objeto de estudo relevante por aqueles que defendem modelos interpretativos baseados na norma ou focados nos meios de vida mais elitizados.

Não gostaria de, com essas observações, causar uma cisão entre elite e camadas populares, mas ao contrário, enfatizar que, com as novas discussões acerca do estudo do passado romano é possível interpretar o início do Principado a partir de leituras menos estanques da sociedade e enfatizar a fluidez das idéias e percepções. Mais do que definir as palavras de Petronio como um reflexo imediato do real, ao considerar suas particularidades é possível perceber como mesmo um membro da elite não entendia a marginalidade como um fenômeno homogêneo, destacando seus conflitos. Assim, acredito que à luz da renovada

teoria social da nossa época, o mundo romano parece muito mais variado e contraditório do que fora apresentado outrora, sempre aberto a novas leituras muito significativas para nossos próprios dias.

### **Agradecimentos**

GOSTARIA DE AGRADECER A Sérgio A. Feldman e Gilvan Ventura pelo convite para participar dessa publicação. Gostaria de ressaltar que as discussões com os colegas do grupo “Encruzilhadas da Narrativa” da UFPR, bem como com os alunos que frequentam nossa reuniões mensais foram fundamentais para a retomada do tema e a possibilidade de trabalhar o *Satyricon* a partir de outros vieses. Assim, sou grata aos alunos dos cursos de História e Letras que trabalham conosco e, em especial, às professoras Ana Maria Brumester, Anamaria Filizolli e ao professor Pedro Ipiranga pelo espaço de discussão e constante incentivo da necessidade de trabalhar Literatura e História a partir de um diálogo profícuo. A responsabilidade pelas idéias aqui expostas é somente da autora.

### **REFERÊNCIAS**

#### **FONTES CONSULTADAS**

PETRÔNIO, *Satyricon*, Londres: Harvard University Press, Coleção Loeb, 1987.

PETRÔNIO, *Satyricon*, São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987.

PETRÔNIO, *Satyricon. The Satyricon – A New Translation by P.G. Walsh*, Oxford: Oxford University Press, 1997.

TÁCITO. *Anales Obras Maestras*, Barcelona: Editora Juvenil, 1986

TÁCITO. *Annals* Londres: Harvard University Press, Coleção Loeb, 1986.

#### **BIBLIOGRAFIA CITADA**

CARCOPINO, J. *Roma no apogeu do Império*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

DIHLE, A. *Greek and Latin Literature of the Roman Empire*. Londres: Routledge, 1994

FRIEDLÄNDER, L. *La sociedad romana – Historia de las costumbres en Roma, desde Augusto hasta los Antoninos*. Madri: Fondo de la Cultura Económica, 1947

- FUNARI, P.P.A. *Filologia, Literatura e Lingüística e os debates historiográficos sobre a Antigüidade Clássica*. In: *Boletim do C.P.A.*, 1998no. 5/6: 153-166.
- GARRAFFONI, R.S. *Bandidos e Salteadores na Roma Antiga*. São Paulo: Editora Annablume/FAPESP, 2002.
- GARRAFFONI, R.S. *Gladiadores na Roma Antiga: dos combates às paixões cotidianas*. São Paulo: Editora Annablume/ FAPESP, 2005.
- MATOS, O. C.F. *Os arcanos do inteiramente outro – A escola de Frankfurt, a melancolia e a revolução*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- ROBERT, J. N. *I piacere a Roma*. Milão: Rizzoli, 1994.
- SCHMITT, J-C. A História dos Marginais. In: *A História Nova*. Le Goff, J (Org). São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- WALSH, P.G. *The Roman Novel*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

#### NOTAS

\* Artigo submetido à avaliação em 3 de março de 2009 e aprovado para publicação em 16 de março de 2009.

<sup>1</sup> Apresento esses aspectos de forma bastante resumida. Para uma abordagem mais completa, cf. Garraffoni, 2002, em especial o capítulo 2.

<sup>2</sup> Tácito, *Anais*, XVI, 18-19.

<sup>3</sup> A origem etimológica do termo também está ligada a um sentido militar: seu significado mais antigo está relacionado ao soldado mercenário grego, infante ou desertor e, por consequência, passou a designar bandido, salteador, ladrão de estrada.